

Resíduos de óleo são vistos pela primeira vez no Estado do Rio

Origem da substância é a mesma da que afeta as praias do Nordeste; especialistas descartam chegada de resíduos à capital fluminense

JULIANA CASTRO E
RENATO GRANDELLE
sociedade@oglobo.com.br

Pequenos fragmentos de óleo foram detectados e removidos anteontem na Praia de Grussaí, em São João da Barra, no Norte do Estado do Rio. Este é o primeiro registro no litoral fluminense do resíduo que já chegou a praias de toda a Região Nordeste e do Espírito Santo.

O material encontrado tem cerca de 300 gramas, segundo o Instituto de Estudos do Mar Almirante Paulo Moreira (IEAPM). Equipes do Ibama, Marinha, Instituto Estadual do Ambiente (Inea) e da prefeitura de São João da Barra iniciaram vistorias em busca de novos fragmentos da substância, mas não identificaram outros pontos afetados. Um grupo de trabalho se reunirá amanhã para planejar a reação à eventual chegada de mais resíduos.

O presidente Jair Bolsonaro, que participou ontem de cerimônias na Vila Militar, na Zona Oeste do Rio, assinalou que o país se preparou para o pior — o que significa que uma nova leva de óleo, muito maior do que a observada até agora, pode chegar ao litoral brasileiro:

— Gostaríamos muito que fosse identificado quem realmente cometeu, no meu entender, esse ato criminoso. Agora, não sabemos o quanto de óleo ainda tem no mar. Na pior hipótese, um petroleiro, caso tenha jogado no mar toda a sua carga, menos de 10% chegou em nossa costa ainda, então nós nos preparamos para o pior. Pedimos a Deus que isso não aconteça.

Emílio La Rovere, engenheiro de sistemas e coordenador do Laboratório de Meio Ambiente da Coppe/UFRJ, avalia que Bolsonaro tenta contornar a crise buscando um “bode expiatório”.

— Esta declaração mostra a mentalidade do governo. Não sabemos



DIVULGAÇÃO/MARINHA DO BRASIL

Óleo. Fragmentos encontrados no Estado do Rio: Bolsonaro não descarta novas manchas

se é um ato criminoso, até porque, segundo convenções sobre segurança marítima, há condições em que os navios, em último caso, podem liberar sua carga para evitar um naufrágio — ressalta. — Além disso, o culpado pelo vazamento nem sempre terá condições para remediar o dano. O governo deve tomar todas as providências e, depois, apresentar a fatura para a empresa responsável pelo incidente.

‘UMA QUESTÃO DE TEMPO’

Coordenador do Laboratório de Análise e Processamento de Satélites (Lapis) da Universidade Federal de Alagoas, Humberto Barbosa considera que a chegada do óleo no Estado do Rio era “uma questão de tempo”.

— Os satélites Sentinel flagraram, no dia 1º de julho, um derramamento de óleo na Bacia de Campos. No dia 19, vimos o mesmo na Paraíba. Então, precisamos saber se os fatores estão relacionados, se estamos falando de uma só embarcação — explica.

Especialistas, porém, descartam a

possibilidade de que o óleo cru chegue à cidade do Rio. Para isso, a substância teria de passar por um recuo na costa brasileira, na altura da Região dos Lagos. Trata-se de uma localidade marcada por uma intensa corrente de água fria, que empurraria o óleo para o Atlântico.

La Rovere avalia que é “extremamente improvável” que o óleo passe por este obstáculo geográfico. Por isso, acredita que o governo deve se dedicar a outras tarefas, como analisar a diferença na composição química dos vestígios encontrados no Sudeste e no Nordeste, além do perigo à saúde provocado pela exposição à substância.

— Precisamos de mais centros de contingência em todo o litoral, que possam medir os danos — reivindica.

Segundo um levantamento divulgado pelo Ibama na última quinta-feira, 724 localidades foram afetadas até agora pelo óleo. Entre os municípios do litoral nordestino, 72% deles tiveram praias atingidas pelo desastre ambiental.